

ARQUITETURAS DO ABANDONO

Manifestações de uma polissemia existencial

Eduardo Rocha¹ e Vanessa Forneck²

Tudo começou lá pelos anos de 2006, quando procurei Fernando Fuão para me orientar numa tese de doutorado, sobre a qual eu tinha apenas o título “Arquiteturas do Abandono” e algumas ideias. Naquele momento eu não sabia o que me esperava, nem os caminhos e descaminhos que seriam tomados, até pensar nos abandonos como modos de vida.

Em 2010, defendi a tese “Arquiteturas do Abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquiteturas, da filosofia e da arte”, expandindo o conceito de abandono numa polissemia infinita, desde sua materialidade nas construções, patrimônios arquitetônicos e urbanos, cidades, até na desconstrução da tríade representação-significado-sujeito.

Pensar em abandonados, em arquiteturas e lugares abandonados, nos fazem percorrer caminhos diferentes - do avesso - da ordem do projeto, obra e edifício. Nunca os arquitetos pensam na morte da arquitetura ou em como demolir aos poucos. Para os construtores só é possível o caminho da re - revitalização, reconstrução, restauro, etc. A morte, a outra vida, a alma, o resquício de vida são impensados. O livre, o natural, a natureza sempre é afogada em detrimento da obra artificial. Talvez seja aí, que reside os sentidos e as sensações da criação em arquitetura e urbanismo.

Em 2018, depois de vários anos em silêncio, mas em constante experiência e observação, a Vanessa Forneck, me procurou, querendo retomar os estudos sobre abandono em sua dissertação de mestrado, defendida em 2021, intitulada: “Abandono de Estações Férreas: Cartografia sensível na fronteira Brasil-Uruguay”, onde por meio de cartografia sensível a pesquisadora busca constituir pelas múltiplas camadas de sentido a experiência com a cidade, pelo descaminho dos abandonos nessa infinita linha de fuga.

Nós, na busca de um descontínuo conceitual, organizamos a chamada da Pixo 24 - “Arquiteturas do Abandono: manifestações de uma polissemia existencial”, curiosos para saber, ler, sentir e pensar juntos sobre os abandonos. O que os autores, pesquisadores, estudantes pensam sobre “Arquiteturas do Abandono” em 2023, 17 anos depois?

Foi surpreendente a recepção da chamada e a atualização da temática em suas diversas direções, velocidades e composições, resultando em um dossiê robusto e às vezes até mesmo discordante.

O volume inicia com nosso autor convidado, Igor Guatelli, referência desde os nossos primeiros estudos sobre filosofia e arquiteturas do abandono. Igor, traz o texto: “PERSISTÊNCIAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO POR APAGAMENTOS: Devires em negativo”, que é resultado de um projeto de pesquisa e traz a possibilidade do resto, daquilo que sobra e foi apagado, persistindo como um assombramento negado no

pensamento da cidade e da arquitetura.

Na continuidade, estreia uma nova seção na Pixo, intitulada “Processos e Projetos”, trazendo para a reflexão dois trabalhos finais de graduação: “DO ABANDONO AO CENÁRIO DE ENCONTRO: Projeto de intervenção na antiga Estação Theodósio no município de Capão do Leão/RS”, da Vanessa Forneck, que precede o pensamento da autora sobre abandonos e questões relacionadas à memória e ao patrimônio cultural vivo e; “REDE RECICLAR - NÚCLEO GETÚLIO VARGAS: Triagem de Resíduos Sólidos, Armazenamento e Inclusão Social”, da Taís Beltrame dos Santos, que por outro viés buscou dar uma resposta às mazelas e constantes abandonos sofridos por um bairro periférico na cidade de Pelotas, revirando os resíduos da cidade-centro e transformando-os em trabalho e condição de vida para os moradores locais.

A seção artigos e ensaios, grande recheio da revista, tentou dividir ou elevar o pensar em partes, ou planos, que se sucedem na (des)construção do conceito de arquiteturas do abandono. Dividimos os artigos em três planos: patrimonialização, filosófico-poético e minorizado-segregador.

O primeiro plano é composto por textos que trazem a ideia de abandono e memória patrimonial, histórica e cultural nas cidades.

O artigo de abertura da seção: “OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO DE CAETITÉ: Articulações em torno da preservação patrimonial”, de João Maurício Santana Ramos e Luciana Guerra Santos Mota, discute a patrimonialização do edifício do Observatório e a falta de planejamento para garantir a sua sobrevivência e recuperação como patrimônio histórico vivo.

Lisiê Kremer Cabral, José Henrique Carluccio Cordeiro, Lorena Almeida Gill e Ana Lúcia Costa de Oliveira, no artigo “PATRIMÔNIO ESCOLAR EM ABANDONO: O projeto padrão da Escola Alfredo Rodrigues (Povo Novo, Rio Grande, 1942-2007)”, a partir da metodologia da história oral resgatam as memórias esquecidas e abandonadas pela demolição do edifício escolar dos anos 1940 e seus desdobramentos na comunidade.

Em “RESTAURAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO CENTRAL, PELOTAS/RS: Uma necessária reflexão sobre a interdisciplinaridade”, de Jorge Luiz de Oliveira Viana, escreve sobre o processo de restauração do Mercado Público de Pelotas e os apagamentos antropológicos e arqueológicos resultantes, ressaltando a importância da interdisciplinaridade nesse tipo de projeto arquitetônico.

Fernanda Pasqualotti, Mauren Aurich e Ariela da Silva Torres, apresentam o artigo, “AVALIAÇÃO DA DEGRADAÇÃO DE FACHADAS ATRAVÉS DE IMAGENS DO STREET VIEW: Edificações Históricas de Santo ngelo”, contribuindo desde os aspectos técnicos de edificações históricas, avaliando a aplicação de imagens disponíveis no Google Street View para mensurar e fazer mapas de danos em centros históricos.

A escrita “RÉQUIEM PARA UMA ARQUITETURA: Abandonos, sonhos e demolições”, de Ana Paula Vieceli, nos convida a pensar sobre a perda de edificações e memórias, a partir de um exercício de projeto no centro da cidade de São Leopoldo/RS.

No artigo “ESPAÇO TRILHAR: Um novo uso para o antigo Clube dos Ferroviários de Santa Maria”, as autoras Maria Augusta Scalcon Calil e Marina de Alcântara, trazem uma aproximação de um edifício esquecido, discutindo o abandono físico e o abandono de classe, trazendo ao final uma proposta de ocupação por um centro multiuso.

1 Arquiteto e Urbanista, Especialista em Patrimonio Cultural, Mestre em Educação e Doutor em Arquitetura. Professor e pesquisadora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.
2 Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é doutoranda em Arquitetura e Urbanismo no IAU/USP-São Carlos.

Eduardo Oliveira Soares no artigo “A MULTITEMPORAL VILA ITORORÓ”, nos convida para um passeio fotográfico e textual por esse conjunto icônico de edificações da cidade de São Paulo, registrando a atuação do tempo.

Em “ABANDONO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL: A Obsolescência dos Espaços Fabris na Vila de Santa Thereza, em Bagé/RS, de Isadora Baptista Alves e Aline Montagna da Silveira, realizam a análise do abandono das ruínas do povoado, resgatando seus tempos e materialidades.

“FISSURADA: Imagens do desabitado no bairro de Bebedouro em Maceió/AL”, de Patrícia Soares Vieira e Roseline Vanessa Santos Oliveira, relatam as transformações em um bairro da cidade de Maceió/AL, trazendo a tona reverberações históricas e memórias traumáticas.

Finalizando esse primeiro plano temos o artigo: “PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL: O não abandono do patrimônio arquitetônico como forma de instigar nos sujeitos o (re) conhecimento das heranças urbanas”, Tarcísio Dorn de Oliveira, Cristhian Moreira Brum, Patrícia Viana Pereira de Lima, Eva da Silva Neta, Julia Licks Chassot, Estevan de Bacco Bilheri e Fernanda Corrêa da Silva, o grupo de autores resgatam, a partir de revisão bibliográfica, questões relacionadas à preservação patrimonial e o sentido de pertencimento.

O segundo plano trata de uma interseccionalidade com a filosofia, as artes, a psicologia, a geografia, etc. A abertura da compreensão e pensamento sobre o abandono, o ato de abandonar e todas as suas implicações.

Flora Paim em “A MEMÓRIA DO VAZIO CONTRA O VAZIO DA MEMÓRIA: O método do arquivo na investigação artística de um lugar apagado”, nos aproxima do processo de criação na arte, utilizando a metodologia do arquivo, discute a subrepresentação no arquivo oficial e a transformação das forças em potência artística.

Por sua vez o artigo “CASA-RUÍNA: Modos de habitar a memória a partir do livro de artista”, Bianca De-Zotti e Raquel Andrade Ferreira, a partir da cartografia criam um livro de artista, trazendo uma casa ruína para a reflexão.

No ensaio “O CHAMADO: OLHARES SOBRE CAIS DAS ARTES: Ou das ruínas do futuro às ruínas vitais”, Leonardo Izoton Braga, fricciona fotografias e escrita, experimentando a deriva para a composição de imaginário urbano.

Na sequência Djonathan Freitas, em “A RUÍNA COMO RESISTÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS”, caminhando no encontro do outro, constrói uma original discussão sobre patrimônio e paisagem.

Encerrando o segundo plano “ERA UMA VEZ UMA CERCA... ensaio sobre limites e abandonos”, Ana Elísia da Costa, desde o conceito de terceira paisagem e seus pensamentos sobre comunidades carentes e periféricas, nos leva abandonar certezas dadas como certas em detrimento da invenção e inclusão.

No terceiro e último plano, as discussões voltam-se para questões atuais, latino-americanas e brasileiras, relacionadas a soluções-problemas relacionados à habitação e ao urbanismo, o direito à cidade e os modos de vida propostos.

Iniciamos com o artigo “REFLETINDO SOBRE AS CIDADES BRASILEIRAS COMO CONSTRUCTOS MASCULINOS: Uma discussão sobre gênero e cidades”, de Wallace Rodrigues e Thelma Pontes Borges, pensa sobre as cidades brasileiras a partir da

perspectiva de gênero, sentindo os espaços públicos muitas vezes abandonados por não acolhimento do feminino.

Amparados pela ideia de invisibilidade de corpos, Adriana Nascimento, Amanda Lima Martins, Isadora Helena Julio de Carvalho e Tânia Solano Ardito, em “CORPOESPAÇOTEMPO DO ABANDONO: Práticas extensionistas em visualidades e invisibilidades feministas”, mostram a diversidade de abandonos presentes no cotidiano de minorias.

Kary Emanuelle Reis Coimbra, no artigo “RESISTIR, INSISTIR, EXISTIR E INSURGIR: Ecos da cidade abandonada”, nos conta sobre ações de coletivos na cidade de Teresina/PI, analisando discursos e revelando movimentações relacionadas a cultura e patrimônio da cidade.

Em “OCUPAÇÕES CULTURAIS, INTERSTÍCIOS URBANOS E BEM-ESTAR NAS CIDADES: Uma experiência em Jundiá, São Paulo, Brasil”, Bárbara Bonett e Ana Maria Girotti Sperandio, investigam as transformações proporcionadas por ocupações culturais, de modo a ampliar os espaços de discussão e pertencimento.

Bárbara Pozza Scudeller em “DOS NOVOS PROJETOS URBANOS AOS ABANDONOS DO CENTRO DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP”, discute novos projetos realizados na cidade, causando o abandono de antigos modelos de sociedade, pensando novas possibilidades para o centro da cidade.

A seguir em “VAZIOS URBANOS PÚBLICOS: Abandono e rupturas na cidade de Erechim/RS”, Luciana Sobis Alves e Ayrton Portilho Bueno, investigam o significado de abandonos em vazios urbanos públicos periféricos, pensando que a integração desses lugares como forma de minimizar desigualdades.

No ensaio “ENTRE IMAGENS ABANDONOS: Sonho e criação de mundos urbanos possíveis”, Lucas Boeira Bittencourt, Paulo Reyes, Gabriel Silva Lopes Fernandes e Artur do Canto Wilkoszynski, nos fazem pensar sobre a ausência e presença de um mesmo lugar, tensionando as esferas estética e política para abrir outros sentidos.

Giuliana Lima Oliveira e Vera Santana Luz, escrevem a “POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: Abandono e resistência de vidas na escassez em meio à opulência”, abordando o abandono dessa forma de vida nas cidades, a partir de referências documentais, bases de dados e observação de campo.

Em “ACESSIBILIDADE POR MODO ATIVO E A INSERÇÃO URBANA DA HABITAÇÃO SOCIAL: Uma análise sistêmica aplicada à Goiânia”, Flávia Cirqueira Rodrigues Lopes e Erika Cristine Kneib, discutem o abandono histórico das camadas populares no Brasil, utilizando a visão sistêmica como metodologia.

Desde a sustentabilidade, o artigo intitulado: “O DISCURSO DO ABANDONO: Da casa popular à precariedade habitacional”, de Ana Maria Denardi Piccini e Vitor Martinez Arruda Campos, debate o abandono da habitação popular no Brasil e seus programas governamentais.

Finalizando a seção artigos e ensaios, “ILHADOS E ESQUECIDOS: Um estudo de caso e proposições para a habitação de interesse social”, de Viviane Zerlotini da Silva e Ana Luiza Martins Nazareth, exploram questões de reassentados em conjunto habitacional na cidade de Belo Horizonte/MG, propondo novas diretrizes para políticas habitacionais.

Em seguida a seção resenha traz “ENTRE A NATUREZA E O ABANDONO”, de Andrews Jobim, trava uma discussão com o artigo “Observações sobre a natureza (physis) em Heidegger” de Gabriel de Almeida Barros, nos levando a pensar sobre o abandono condição e movimento.

Na seção parede branca, a arte nos movimenta, nos fazendo estremecer a partir da experiência com imagens, nos levando para mundos até então não imaginados e sentidos. Potencializando resistências e possibilitando a vida ou a morte nos abandonos.

Abrindo a seção temos o ensaio “PASSADO E PRESENTE NA VILA DE SERRA PELADA”, de autoria da antropóloga e fotógrafa Silvia Helena Cardoso, as imagens foram utilizadas na capa e capas de abertura de seções da revista. Seguido por “QUANDO OLHO PARA TRÁS, VEJO O FUTURO”, de juny kp! apresenta uma série de imagens para discutir os vazios urbanos. Em “EDIFÍCIOS EM ESPERA”, Gabriela Oliveira Wedekin e Marcelina Gorni, propõem uma narrativa audiovisual, sobre edifícios abandonados e inacabados. O ensaio “ABANDONOS VEGETAIS”, de Louise Rochebois Quintão, apresenta uma outra dimensão do abandono, numa coleção de fotografias de árvores cortadas nas cidades. Concluindo a seção parede branca, Maria Beatriz Andreotti, a partir de deambulações faz um ensaio poético-fotográfico de arquiteturas industriais em “MENINA-URBE | AVÓ-CIDADE”.

Finalizando a Pixo 24, temos a imperdível e necessária leitura da transcrição de uma conversa com o Padre Júlio Lancellotti, sobre Arquitetura Hostil e Aporofobia, com os estudantes e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), organizada pelo Laboratório de Estudos Comportamentais (LabCom). Uma aula de arquitetura e urbanismo, ministrada por um não arquiteto, mas alguém que vive as ruas e os constantes abandonos vividos nas cidades.

Convidamos tod@s para a leitura, para abandonar, para pensar de novo, e de novo, e de novo, e, e, e...